

A erística na retórica política midiaticizada

Eristics in mediatized political rhetoric

REVISTA
com política

Revista Compólitica
Ano 2025, v. 15, n.1
compolitica.org/revista
ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2025.15.1.666

Samuel André Alves Mateus

Universidade da Madeira, Labcom

[University of Madeira]

Resumo

A erística (do grego *eristikos*, que significa disputa) assume-se como arte da controvérsia que permitiria fazer triunfar o absurdo ou o falso. Uma prática comunicativa que visa disputar as teses adversárias e desconstruí-las com vista não à verdade, mas à vitória. Neste artigo, afirmo a presença contemporânea da erística e sublinho duas ideias fundamentais, sendo a erística é uma componente retórica, diferenciada da modalidade persuasiva; e a erística deve ser apreciada, não apenas de acordo com a sua herança clássica, mas também do ponto de vista dos modernos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica. Proponho reavaliar o lugar da erística na retórica. Defendo que, nas atuais sociedades midiaticizadas, assistimos a um recrudescimento da retórica erística, inclusivamente no género deliberativo e no seio de campos sociais em que se esperaria que imperasse a racionalidade argumentativa. Começarei por introduzir a erística, tal como ela surgiu no período clássico, para, num segundo momento, caracterizar a sua estrutura a partir de exemplos contemporâneos. Por fim, demonstrarei que a mídia é, hoje em dia, palco do exercício erístico e exemplificarei o quanto o debate político televisionado vive impregnado de um discurso retórico altamente agressivo, contencioso e baseado numa intensa lógica de antagonismo que se estende da política até o desporto.

Palavras-chave: retórica; erística; comunicação política; debates presidenciais; discurso mediático.

Abstract

*Eristics (from the Greek *eristikos*, meaning dispute) is understood as the art of controversy, a practice that can allow the absurd or the false to triumph. It is a communicative practice aimed at challenging adversarial theses and deconstructing them not in pursuit of truth, but in pursuit of victory. In this article, I affirm the contemporary presence of eristics and underline two fundamental points: 1) eristics is a rhetorical component, distinct from the persuasive modality; 2) eristics should be appreciated not only according to its classical heritage, but also from the perspective of modern technological devices for symbolic mediation. I propose a reassessment of the place of eristics in rhetoric. I argue that in today's mediatized societies, we are witnessing a resurgence of eristic rhetoric, even within the deliberative genre and in social fields in which one would expect argumentative rationality to prevail. I begin by introducing eristics as it emerged in the classical period and then, in a second step, characterize its structure using contemporary examples. Finally, I demonstrate that the media today serve as stages for eristic practice and illustrate how televised political debate is imbued with a rhetorical discourse that is highly aggressive, contentious, and driven by an intense logic of antagonism that extends from politics to sports.*

Keywords: rhetoric; eristics; political communication; presidential debates; media discourse.

A erística na retórica política midiaticizada

Samuel André Alves MATEUS

Se existe uma componente esquecida perante a renovação da retórica da nova retórica, essa componente será, com certeza, a dimensão erística da retórica (Mateus, 2018). “Erística” deriva da palavra “Eris”, a deusa grega da discórdia, da contenda e da luta de palavras, e refere-se à prática comunicativa que visa disputar as teses adversárias e desconstruí-las com vista, não à verdade, mas à vitória. Destina-se, então, a derrotar verbalmente o adversário. A argumentação erística é desenvolvida de tal forma que qualquer tentativa de refutação está votada ao fracasso, tal como é demonstrado no diálogo platónico *Eutidemo*, em que o sofista Eutidemo procura provar a impossibilidade da falsidade (Platão, 2011). Trata-se de um diálogo aporético (isto é, em que não se chega a um consenso, ao contrário dos restantes diálogos) sobre a manipulação do discurso operada pelos sofistas.

A erística assume-se, portanto, enquanto “arte da controvérsia que permitia fazer triunfar o absurdo ou o falso” (Reboul, 2004, p. 27). Ela extrapola o campo do argumento e do contra-argumento, e do raciocínio que leva a novas proposições. Alicerçada na disputa (Dascal, 1998) e na querela verbal, nas quais o que importa é ganhar a discussão, e não tanto apresentar o melhor argumento (Perelman e Obrechts-Tyteca, 1996), a erística foi historicamente ostracizada do exercício de comunicação retórica. Por um lado, porque contradiz a racionalidade argumentativa que, desde Aristóteles até Perelman, pauta a teoria retórica, impedindo, aparentemente, a sua inserção numa teoria da argumentação¹. Por outro lado, porque se apresenta de forma não lógica², e por isso se evita em todo e qualquer debate de ideias que preside à democracia, que faz da retórica um tão fundamental pilar.

A retórica de pendor erístico pode ser percebida a partir de diversos níveis de comunicação: pública (debate político), profissional (negociação, mediação e arbitragem) e privado (uma discussão entre vizinhos). Está mais presente na comunicação persuasiva que todos os dias envidamos do que, à primeira vista, pareceria. E não pode ser absolutamente separada da retórica. Tal é-nos demonstrado

¹ Na verdade, como demonstram os trabalhos de Walton (1998), a querela, enquanto manifestação erística da retórica pode ser estudada no âmbito da Teoria da Argumentação.

² Alguns detratores poderiam chamar-lhe ilógica. Se quisermos, podemos dizer que não coincidindo absolutamente, a erística se aproxima mais da lógica informal.

nas diversas aceções culturais que implicam uma prática erística. Por exemplo, em língua inglesa, a palavra *pilpul* (do hebraico פלפול, que significa uma análise contundente ou disputa violenta) é usada para indicar uma controvérsia extrema³. Em tibetano, a palavra *rtsodpa* significa “conflito” e descreve a possibilidade de discussão nos debates públicos (vivada) a partir de quatro cantos (*catuskoti*) lógicos da argumentação⁴.

A erística é, assim, contrastada com a dialética, já que se devota não à procura da verdade, mas simplesmente a desafiar, desacreditar e espicaçar o argumento do adversário até este ter de se render pela sua incapacidade em fazer prevalecer o seu argumento. Se, de acordo com Aristóteles (1998), a retórica é a contraparte da dialética, a erística pode ser encarada como uma subdivisão da retórica que se pauta pelo exercício comunicativo da contenda, do desafio verbal e da desqualificação do adversário. Teríamos, assim, uma retórica dividida entre a persuasão – argumentativa ou afetiva (Mateus, 2021; Walton, 1992) –, a comunicação cooperativa e a comunicação bélica ou aguerrida. Walton e Krabbe (1995), por seu turno, referem-se a seis tipos de diálogo ou de comunicação: o diálogo persuasivo, o diálogo de negociação, o diálogo inquisitivo (*enquiry*), o diálogo deliberativo, o diálogo informativo e, por fim, o diálogo erístico. Independentemente das subdivisões em que pretendamos inserir a erística, o que é evidente é que se trata de um ato comunicativo altamente competitivo e antagonista, no qual se pretende criar no auditório a impressão de que o orador é o mais astuto e habilidoso arguente, com vista a identificá-lo como sendo superior perante o adversário. E se no *Eutidemo* o orador erístico é o sofista falacioso, Walton e Krabbe (1995, p. 79) defendem que, no contexto da disputa argumentativa, uma descarada falácia pode ser a melhor e mais efetiva técnica para persuadir o auditório. Há aqui um deslocamento na avaliação tradicional da erística: a sua dimensão falaciosa não é absoluta. Quando o recurso erístico produz engano — fazendo prevalecer o absurdo ou o falso — é, de facto, criticável. Mas quando esse mesmo recurso serve a persuasão, podendo gerar adesão do auditório sem falsificar a realidade, o seu uso não é necessariamente falacioso, nem, portanto, necessariamente negativo. Mas este será um exemplo excecional, na medida em que, na retórica erística, os oradores não estão orientados para a resolução das suas diferenças, mas apenas para superar e exceder o adversário. As regras não são semelhantes àquelas que regulam a dança, mas aquelas que presidem à luta e ao *wrestling* (Platão, 2011, 276b e 330b). Enquanto na

³ *Jewish Encyclopedia*, disponível em: <https://www.jewishencyclopedia.com/articles/12153-pilpul>. Acesso em: 17 mar. 2026.

⁴ *Buddhist logico-epistemology*, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Buddhist_logico-epistemology#Debate_and_analysis. Acesso em: 17 mar. 2026,

discussão crítica e argumentativa o objetivo é a persuasão recíproca — levar o auditório a reconhecer a pertinência e a validade da tese apresentada —, na retórica de pendor erístico o que está em causa não é convencer, mas vencer: atingir o adversário, fragilizar a sua argumentação e desferir sucessivos golpes que afirmem a superioridade do orador. Há, assim, uma transposição da agressividade e da violência físicas para o campo do simbólico e da linguagem verbal.

Neste artigo, proponho reavaliar o lugar da erística na retórica, defendendo que, nas atuais sociedades midiáticas, assistimos a um recrudescimento da retórica erística, inclusive no género deliberativo e no seio de campos sociais em que se esperaria que imperasse a racionalidade argumentativa. Começarei por introduzir a erística tal como ela surgiu no período clássico para, num segundo momento, caracterizar a sua estrutura dando exemplos contemporâneos. Por fim, demonstrarei que a mídia é, hoje em dia, palco do exercício erístico, e exemplificarei o quanto o debate político televisionado vive impregnado de um discurso retórico altamente agressivo, contencioso e baseado numa intensa lógica de antagonismo que se estende da política até ao desporto.

A erística clássica

É em Platão que encontramos a primeira referência à erística (*eristikos*) enquanto técnica retórica que visa a vitória sobre o oponente por meio do discurso (verbal). Para o filósofo, a erística deve parecer bem-sucedida. Mais do que uma técnica argumentativa, é uma operação retórica que pode, eventualmente, utilizar argumentos, mas apenas no sentido falacioso, dirá Sócrates no diálogo platónico Eutidemo, de criar ambiguidade de forma a superar a argumentação do orador adversário. No *Eutidemo*, descreve-se como os profissionais da oratória, conhecidos como sofistas, se envolvem deliberadamente num concurso de ataques verbais empregando todo o tipo de subterfúgios e táticas reptícias (Platão, 1983, 255) para, astutamente, enganar o oponente e fazê-lo cair nas armadilhas das contradições (Platão, 2011). Portanto, desde o seu início, a retórica erística é apresentada como um exercício de combate verbal, em que golpes são desferidos sem misericórdia, numa batalha que apenas termina quando cai um dos oradores (Walton, 1998, p. 187).

Platão utiliza o termo “erística” para significar o oposto da dialética, algo apenas levemente assemelhado ao método de raciocínio de pergunta-resposta dirigido à procura daquilo que cada coisa é e que requer honestidade e cooperação entre os participantes. De facto, a metáfora que melhor

descreve a dialética é a estrada (Robinson *apud* Walton, 1998, p. 187). Na medida em que a “erística” é a palavra que Platão utiliza para referir tudo o que consagra um mau uso da dialética e do raciocínio argumentativo que visa o convencimento pela razão, a erística apresenta-se como contraparte da dialética. Trata-se certamente de uma antilógica, que apenas ataca indiscriminadamente e que pode empregar a dialética de modo pernicioso numa contenda verbal, não em prol do conhecimento, mas em prol do prazer lúdico de ganhar por ganhar (Walton, 1998, p. 188). Repare-se como a erística é, nessa compreensão platônica, reforçada enquanto prática retórica: se a retórica é a contraparte da dialética e se a erística é a contraparte da dialética, então, segue-se necessariamente que a erística é uma prática retórica. Contudo, é uma retórica potencialmente destrutiva⁵. Uma retórica desordeira, inconsequente e infantil, que se deslumbra pela vitória e não pela verdade (Platão, 2011, 272 a-b). De um lado, temos a dialética cooperativa e conversacional de Sócrates; de outro, temos a erística extremamente competitiva (Krabbe, 2009, p. 113), na qual ganhar a todo custo inclui o uso de sofismas e falsas questões com aparência de verdade. Aliás, depreende-se da leitura de *Eutidemo* que uma forma de se sobrepor ao adversário é precisamente tornando indistintas verdade e falsidade (Salavastu, 2021, p. 56).

É no *De sophisticis elenchis* (*Refutações Sofísticas*), um dos tratados que compõem o *Organon* e que complementam os *Tópicos*, que Aristóteles, na linha de Platão, distingue entre a argumentação contenciosa e a argumentação dialética. A primeira consiste na mera aparência de raciocínio (ARISTÓTELES, *Refutações Sofísticas*, SE 165b), o qual parece genuíno, podendo inclusivamente evidenciar algum tipo de conclusão. Nos *Tópicos* (ARISTÓTELES, *Organon*, 100b–101a), a argumentação dialética é definida pelo ponto de partida em opiniões geralmente aceites, distinguindo-se assim da argumentação contenciosa pelo critério das premissas e não apenas pelo da conclusão. Aí encontramos: “É erístico o silogismo que parte de opiniões que, parecendo prováveis, na realidade não o são; e, ainda, o silogismo que apenas conclui segundo aparência de opiniões prováveis ou que parecem prováveis”. Aristóteles reconhece, assim, a erística, chamando-lhe diálogo sofisticado (Walton, 1998, p. 190) e reforça aquilo que Platão já iniciara: o descrédito dos sofistas e da retórica erística, sublinhando traços como desonestidade ou logro. Por outro lado, salienta a relação entre sofisticada e falácias a ponto de podermos falar em “sofismas”. A erística seria, pois, um uso injusto e enganoso da retórica. Salavastu (2021, p. 57) cita mesmo Aristóteles chamando-lhe “uma imoralidade argumentativa”.

⁵ Em 537 e 539 da *República*, Platão (2006) comenta que os jovens ganhavam o gosto da argumentação já que a usavam como uma espécie de jogo sem se preocuparam com as consequências.

Simultaneamente, Aristóteles evidencia a dimensão competitiva e salienta que apenas uma das partes atingirá o seu objetivo (ARISTÓTELES, *Órganon — Tópicos*, VIII, 11, 161a37–161b5). Contrasta, também, a discussão dirigida ao adversário (erística) com a discussão cooperativa e didática, em que, por exemplo, professor e discípulo altercam (KRABBE, 2009, p. 117). Platão e Aristóteles foram os principais influenciadores de como a modernidade se apropriou do conceito de “erística”. Não causa surpresa, portanto, que Schopenhauer escreva um livrinho chamado *Dialética erística* (1997), denunciando todos os estratagemas de linguagem e subterfúgios retóricos da erística.

A estrutura erística da retórica

Procedemos agora à caracterização da retórica erística enquanto forma discursiva. Ao mesmo tempo, trazemos a erística desde a Idade Clássica para a Idade Moderna e exemplificaremos o contemporâneo uso da erística. Ao fazê-lo, espero evidenciar a sua estrutura característica e contribuir para a sua identificação no discurso contemporâneo. Além disso, deste empreendimento resulta a ideia de que a retórica erística não é um simples momento histórico do desenvolvimento da técnica retórica, mas um elemento cada vez mais preponderante na cena pública. Isso implica uma renovação da compreensão clássica que deixe de criar dualismos entre a verdade e a falsidade, o provável e a aparência de provável, entre a dialética e a retórica erística ou sofística. Um delinear da dimensão ético-normativa da erística não tem cabimento no âmbito deste artigo, pelo que devemos perspectivá-la fora do quadro estrito da filosofia e da teoria da argumentação prescritas por Platão e Aristóteles.

A prática retórica de pendor erístico apresenta rotinas predominantes que me encarrego, em seguida, de esclarecer.

Uma cerimónia ordenada simbolicamente

Principiemos por assentar que não se trata de um exercício anárquico, sem regras nem concessões. Apesar de ter sido assim descrita, se adotarmos um enfoque rigoroso, notaremos que a comunicação não é desprovida de uma sequência ordenadora.

Afinal, a tomada de palavra obedece, ainda, a um ritual discursivo no qual interrompemos o nosso discurso em prol da concessão da palavra ao orador que se nos opõe. Assim é no género judiciário, no

tribunal, tal como no género deliberativo, na ágora. Além disso, as alterações erísticas são ainda regidas em função do tempo, cabendo a cada orador oportunidades alternadas de atacar, responder e contra-atacar. Cada tomada de palavra pode igualmente pautar-se por uma esquiva ao ataque sofrido. Há, assim, um tempo no qual é possível arengar e um tempo respeitado no qual se interrompe a contenda, numa troca cerimonial de ataques verbais. Isso é especialmente visível nos atuais debates políticos televisionados, em que o jornalista modera e impõe um tempo previamente definido a cada orador. Ademais, cada ação discursiva é uma resposta imediata a uma ação discursiva anterior. Existe uma sequência linear no desenvolvimento da querela entre os oradores, em que se aceita esse contra-ataque na medida em que determinado ataque verbal o precedeu. Além disso, os oradores assumem personas ou máscaras durante a discussão aguerrida, representando partidos, interesses privados ou instituições. Não existe necessariamente a coincidência entre o orador e o *ethos* que ele apresenta ao auditório. Por isso, a quezília hostil entre os dois tem o seu ocaso exatamente quando termina o exercício retórico. É por isso que vemos políticos que são os mais ferozes opositores no palanque, na assembleia e no estúdio televisivo ou radiofónico e, simultaneamente, são as pessoas mais cordiais assim que termina o embate. Por exemplo, se era certo existirem divergências ideológicas e político-partidárias entre Álvaro Cunhal e Mário Soares, o debate da RTP de 1975 não impediu que eles se cumprimentassem respeitosamente e que se admirassem mutuamente, como o fazem notar as suas biografias. A erística é uma luta verbal: pode-se lutar por ideologias, crenças e valores sem que isso impeça a normal sociabilidade entre os oradores. Portanto, a retórica erística não é exatamente encenada; é uma construção simbólica entre duas partes que assumidamente se opõem e combatem verbalmente pela supremacia aos olhos do auditório (e, no caso da mídia, das audiências). Tal como um judoca é o mais agressivo dos atletas no tapete, é o mais cortês fora da competição. Em qualquer modalidade, incluindo o pugilismo, os atletas cessam as mais perigosas hostilidades assim que a competição termina, abraçando-se e cumprimentando-se.

O mesmo acontece atualmente na política midiaticizada. Pegando um exemplo do debate presidencial brasileiro de 2022, veja-se o que diz o moderador William Bonner: “Tempo esgotado, candidato. Eu vou pedir aos candidatos que, em respeito ao público, procurem manter um nível de tranquilidade adequado para um ambiente democrático como nós pretendemos que seja este debate” (Poder360, 2022).

A celebração do antagonismo

Outro pilar estruturante da retórica de pendor erístico é ser o expoente máximo do antagonismo, da oposição e do carácter adversarial da comunicação. Em outras palavras, a retórica erística ilustra, de forma mais pura, um intercâmbio verbal puramente antagonista e hostil, que se pode basear na mais trivial das banalidades. Aliás, esse espírito antagonista que a caracteriza pode, ele próprio, ser dissimulado. Quando alguém exorta eloquentemente contra alguém ou alguma causa, criticando-as aberta e impudoramente, esse orador poderá julgar não estar a entrar no domínio erístico. Contudo, muitas defesas acesas de ideias passam da argumentatividade à hostilidade e à virulência verbal sem que com isso o orador se dê conta. Naturalmente, nem todas as defesas de uma tese são erísticas, como nas provas académicas de doutoramento. Mas, potencialmente, podem cair nesse campo quando se passa a discutir mais a oposição do candidato ou do arguente, e não tanto a matéria em causa.

Porque é um tipo adversarial de retórica (Walton, 1998, p. 192), pode centrar-se não apenas no ataque massivo da questão, mas no ataque cirúrgico às fraquezas (públicas) do adversário. Esta é, aliás, uma estratégia erística, a de concentrar-se nas fraquezas alheias como método de levar o auditório a possuir uma visão deformada ou distorcida da questão em discussão. Ao mesmo tempo, isso inferioriza contra-ataques subsequentes porque, aos olhos de quem assiste, essa contra iniciativa está já condicionada pela percepção de fraqueza.

A hostilidade antagonista que pauta a retórica erística abarca os comportamentos de impolidez ou descortesia, precisamente opostos à polidez que Brown e Levinson (1987) estudaram, e opostos a estratégias de preservação da face (Goffman, 2011). A hostilidade situa-se no campo da impolidez e do desrespeito de normas de civilidade e almeja, frequentemente, fazer o adversário perder a face. Como explica Blitvich (2010, p. 541), da impolidez resulta uma importante consequência: “usada contra o exogrupo para criar um sentido de ‘nós versus eles’, uma vez que constrói como indesejáveis os valores do outro, e para ampliar o sentido de pertencimento ao endogrupo”. O efeito é intensificado em ambiente on-line, no qual se formam câmaras de eco que tendem a reforçar certas posições ideológicas em detrimento das demais: “A ridicularização do outro e/ou das posições que caracterizam esse grupo acabam, então, intensificando o processo de antagonismo e de indignação que caracteriza a visão do endogrupo acerca do comportamento e do pensamento do exogrupo, que, idealmente, deveria ser eliminado da arena pública” (Azevedo; Gonçalves-Segundo; Piris, 2021, p. 2297).

Com a finalidade de constatar a impolidez, tome-se o exemplo do debate presidencial brasileiro, transmitido pela TV Globo, a 29 de setembro de 2022 (Poder360, 2022). Nele, um dos candidatos, Padre Kelmon, dirige-se a uma das adversárias, Soraya Thronicke, da seguinte forma: “A senhora deveria me respeitar. Não sabe o que significa um sacerdote, a senhora não sabe o que significa um sacerdócio, a senhora não sabe o que significa o cristianismo, se a senhora soubesse, a senhora não se dirigia para um padre dessa forma”. Como se vê nesse trecho, não se discutem questões, temas ou problemas políticos. Em vez disso, a intervenção do candidato centra-se, em absoluto, no antagonismo e na diferença para com a candidata, na oposição frontal que lhe ameaça a face e o bom nome.

O elevado nível de hostilidade e antagonismo é, igualmente, demonstrado por intermédio de três estratégias retóricas erísticas (Jorgensen, 1998, p. 433): interromper, ostensiva e repetidamente, a palavra do adversário; exortar incessantemente o adversário a dizer alguma coisa ou a dizer que sim ou não; fazer um sumário parcial e tendencioso da intervenção do adversário. Mais uma vez, recorramos ao debate presidencial brasileiro de 2022 e transcrevamos o que o moderador William Bonner disse ao se referir à interrupção insistente de Jair Bolsonaro: “Candidato, eu vou pedir ao senhor que respeite as regras do debate, por favor. O seu microfone está fechado, mas o senhor vai atrapalhar a dinâmica do nosso debate” (Poder 360, 2022). Ou esta passagem de Padre Kelmon, que exemplifica o forçar do adversário a responder: “*Fale para o povo por que a senhora está aqui. Fale que vocês são mais do mesmo. Fale que a esquerda, todos aí têm a mesma agenda. Diga para as pessoas que vocês querem fazer isso, querem destruir o Brasil. Fale para todo mundo aqui agora. Diga a verdade. Já que a senhora me mandou ir para o inferno, então diga a verdade*” (Poder 360, 2022).

Noutro exemplo, assistimos à interrupção como estratégia erística e irônica: “(Deputado Berto Messias) Será uma matéria que tem que estar no centro da agenda política do próximo governo de Portugal, porque esta matéria não pode ser resolvida apenas pelo Governo dos Açores que tem feito um esforço sem precedentes... Deputado Artur Lima (CDS-PP): *Enorme! Na criação de postos de trabalho, na revitalização da economia, no acordo laboral ... Sim, sim! Uma coisa sem precedentes!*”⁶.

⁶ Transcrição do debate sobre a Anteproposta de Lei nº 16/X – “Programa especial de apoio social para a ilha Terceira”, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP. Excerto do Diário da ALRAA Número 11217 de setembro de 2015, disponível em <http://base.alra.pt> → secção Plenário → Diários das Sessões → X Legislatura → n.º 112 (setembro 2015). Acesso em: 17 mar. 2026.

A atribuição de culpa

A retórica erística é rica em ridicularizar, insultar ou culpar. Atribuir a culpa é, aliás, uma das estratégias de menorizar o adversário e o desqualificar da discussão. E a resposta tende, também ela, a ser uma contraculpa, numa infundável troca de acusações. Repare-se no que diz Luiz Inácio Lula da Silva: “Você vem culpar o Lula da morte do Celso Daniel? Seja responsável. Você tem uma filha de 10 anos assistindo ao programa que você está fazendo. Seja bastante responsável” (Poder360, 2022). A acusação prévia de Bolsonaro desencadeou nova acusação, agora de Lula, numa estrutura típica de *tu quoque*, uma variante da falácia *ad hominem*. Declarou Luiz Inácio Lula da Silva:

Ele fala que eu montei quadrilha? Com a quadrilha da “rachadinha” dele, que ele decretou sigilo de 100 anos, com a rachadinha da família, sabe, do Ministério da Educação, com barras de ouro? Ele fala de quadrilha comigo? Ele precisava se olhar no espelho e saber o que está acontecendo no governo dele. Ele sabe o que foi a quadrilha da vacina (Poder360, 2022).

Culpar o outro antes de reconhecer qualquer responsabilidade se tornou um mecanismo recorrente na retórica erística, seja acusando-o de falta de transparência, de indignidade, de comportamento culposos, de violar as regras do debate, de desrespeitar o eleitorado etc. Tudo se resume, muito simplesmente, a fazer alegações numa tentativa de fazer o adversário parecer mau e inferior.

Ad hominem

Embora seja por vezes identificada como argumento, a falácia *ad hominem* designa a refutação da tese a partir da crítica ao orador que a defende, e não ao seu conteúdo. Em vez de a avaliação se cingir à tese em si, a estratégia retórica *ad hominem* centra-se em desqualificar e desacreditar o indivíduo adversário que a pronuncia. Trata-se de desviar a atenção da questão para o homem, as suas circunstâncias e personalidade, mesmo quando tais pormenores nada concorrem para aferir a pertinência de uma tese ou avaliação de um problema. O ataque *ad hominem* caracteriza-se, quase sempre, pela irrelevância, levando o foco da discussão para longe da questão, a favor da crítica mordaz ao adversário, às suas peculiaridades, hábitos ou passado.

No debate presidencial de 2022, podemos encontrar vários exemplos de ataque *ad hominem* característico do discurso erístico.

No *ad hominem* abusivo, assiste-se ao ataque direto à pessoa do adversário, colocando o seu carácter (*ethos*) em sérias dúvidas e, por meio do carácter, procura-se invalidar a sua argumentação. Veja-se o *ad hominem* de Lula da Silva:

Eu só esperava que em um debate entre pessoas que querem ser presidente da República, o atual presidente tivesse um mínimo de honestidade, um mínimo de seriedade. Ele fala que eu montei quadrilha? Com a quadrilha da “rachadinha” dele, que ele decretou sigilo de 100 anos, com a rachadinha da família, sabe, do Ministério da Educação, com barras de ouro? Ele falar de quadrilha comigo? Ele precisava se olhar no espelho e saber o que está acontecendo no governo dele. Ele sabe o que foi a quadrilha da vacina. Você quando vier no microfone, você se comporte como presidente. Respeite quem está assistindo, não minta. Não minta, que é feio um presidente da República mentir como você mente toda hora, descaradamente, não é possível! (Poder360, 2022).

O adversário acusa Bolsonaro reiteradamente de mentir, construindo a imagem de um mentiroso; associa-o, simultaneamente, a uma quadrilha, qualificando-o como criminoso. Não está em causa a política de Bolsonaro nem o futuro do Brasil: o que se disputa é a honra e o carácter do oponente.

Bolsonaro também desferiu ataques *ad hominem* a Lula da Silva:

Mentiroso! Ex-presidiário! Traidor da Pátria! Que “rachadinha”? “Rachadinha” é seus filhos roubando milhões de empresas após a tua chegada ao poder. Que CPI é essa? Da farsa? O que você vem defender aqui. O que achou a meu respeito? Nada. Que dinheiro de propina? Não teve propina, propina teve o seu Carlos Gabas, do Consórcio do Nordeste. Dos governadores amigos teus. [...] Deixe de mentir e tome vergonha na cara, Lula (Poder360, 2022).

Neste exemplo, o abuso verbal é ainda mais flagrante. Não se discute política, fala-se de farsa e acusa-se o adversário de ser mentiroso, ex-criminoso e um traidor.

A não admissão de culpa

A retórica erística também se destaca pela confrontação por meio da não admissão de culpa ou responsabilidade. Numa atitude de fechamento (Walton, 1998, p. 186), raramente há a vontade de condescendência e de conceder ao adversário que ele poderá estar certo. Isso é recorrente na oposição político-partidária. O orador nunca admite que o adversário pode ter razão e que o argumento é razoável. Pelo contrário, tudo o que o adversário diz é mau, incompleto, injusto e falso. É como se o orador se valorizasse em detrimento da desvalorização que ele próprio opera sobre o adversário.

Voltemos ao debate presidencial brasileiro. Diz Jair Bolsonaro:

D’Avila, você sabe que o orçamento secreto não é meu, eu vetei. Depois, passou e virou uma realidade. Eu não indico um só centavo nesse dito orçamento secreto. Ele é totalmente administrado pelo relator, ou da Câmara, ou do Senado. Então não existe da minha parte qualquer conivência com esse orçamento (Poder360, 2022).

Outro exemplo: “Deputado Luís Rendeiro: [...] E, portanto, em vez do Partido Socialista se queixar do estilo, do tom ou da forma como os deputados da oposição aqui apresentam as suas divergências, se calhar devia queixar-se de si próprio”⁷.

As mudanças aleatórias de assunto

Outro atributo saliente da retórica erística é o elevado grau de irrelevância e a quase aleatoriedade de temas. A discussão tende a vaguear livremente, por vezes, sem fio condutor do discurso. Salta de tema em tema, com cada orador agarrando-se ao pormenor, olhando para a árvore, mas esquecendo-se da floresta. A erística gira à volta de novas alusões, menções, comentários e adendas ao tema inicialmente proposto. De acordo com Walton, a querela mostra-se na sua incapacidade de relevância (Walton, 1998, p. 194). Os oradores percorrem um mapa onde os temas surgem ocasionalmente sem que se consiga encontrar necessariamente um padrão argumentativo. Cada adversário se intromete na intervenção anterior e desfigura-a, mudando-lhe o tom e o tema. A erística é uma comunicação itinerante que gira sempre sobre si própria, como um pião que não sai do lugar.

Daí que o argumento silogístico, linear e lógico se perca nas redundâncias, clarificações e comparações despropositadas ou irrelevantes. A sequência linear argumentativa cede à circularidade temática, que descreve uma trajetória elíptica: parece afastar-se, mas sem retorno ao mesmo ponto, sem que se avance. Lula da Silva:

Ciro, estou achando você nervoso. Estou achando você nervoso. Eu vou te dizer uma coisa que você poderia dizer, a bem da verdade, para as pessoas que estão nos ouvindo. A verdade nua e crua, você saiu do governo para ser candidato a deputado federal, contra a minha vontade, que queria que você fosse para o BNDES (Poder360, 2022).

⁷ Transcrição do debate sobre a Anteproposta de Lei nº 16/X – “Programa especial de apoio social para a ilha Terceira”, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP. Excerto do Diário da ALRAA Número 11217 de setembro de 2015, disponível em <http://base.alra.pt> → secção Plenário → Diários das Sessões → X Legislatura → n.º 112 (setembro 2015). Acesso em: 17 mar. 2026.

Nesse exemplo, é irrazoável, num debate nacional que visaria contribuir para o esclarecimento da opinião pública, que um dos candidatos se refira pessoalmente a outro e discorra pormenores da sua relação política. Enquanto se fala de Ciro Gomes, não se discute política futura, apenas política passada. Além disso, repare-se como o candidato Lula da Silva repete, tornando-o evidente a todos, o nervosismo de Ciro Gomes. Há aqui um desvio para aquilo que é marginal, acessório e irrelevante para a pergunta que o adversário lhe dirigiu especificamente.

O mesmo acontece neste caso da Assembleia Legislativa dos Açores: O orador: “Acolho a sua advertência, mas não foi o PSD que incluiu a eletrificação de casas de ordenha no PREIT”. Deputado André Bradford (PS): “O que é que isso tem a ver?”. O orador: “foi o Partido Socialista e enquadró as casas de ordenha no setor agrícola e a mitigação do problema da Base das Lajes”. Presidente: “Mas nós não estamos a discutir o PREIT”. Deputado Artur Lima (CDS-PP): “Estamos, estamos! A seguir vou discutir o PREIT!”. Presidente: “Sras. e Srs. Deputados, a Mesa está aqui para gerir os trabalhos. O Sr. Deputado também sabe que nós não estamos a discutir o PREIT. Nós estamos a discutir a majoração de apoios sociais propostos pelo PCP. É neste caso em concreto que estamos a discutir”. Deputado Luís Maurício (PSD): Está perfeitamente enquadrado!”⁸.

Parece uma querela, cheira a querela, fala como uma querela, mas não é uma querela

Por fim, elenco um último atributo estrutural da retórica erística. Poderiam ser avançados outros. Contudo, por economia de espaço, e por se tratar de um artigo científico, escolhi concentrar-me naqueles que são os mais frequentes.

Um dos pormenores curiosos é que a retórica erística tende a esconder-se. Isto é, existe uma guerra de palavras, possivelmente com ataques *ad hominem* e grande mudança temática. Mas o orador raramente assume que se trata de uma comunicação erística. É por isso que parece não existir mais a erística e que ela é coisa do passado. Não se poderia estar mais longe da verdade. A erística permanece bem

⁸ Transcrição do debate sobre a Anteproposta de Lei n.º 16/X – “Programa especial de apoio social para a ilha Terceira”, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP. Excerto do Diário da ALRAA Número 11217 de setembro de 2015, disponível em <http://base.alra.pt> → secção Plenário → Diários das Sessões → X Legislatura → n.º 112 (setembro 2015). Acesso em: 17 mar. 2026.

presente na retórica política contemporânea, ainda que os oradores fintem não incorrer em qualquer combate verbal.

Como vemos no seguinte exemplo, o orador Luiz Inácio Lula da Silva pode até não se aperceber de que está a incorrer num intercâmbio verbal de índole erística quando interpela, sem o referir, Bolsonaro: “Para não atrapalhar o debate, mas é uma insanidade um presidente da República vir aqui e dizer o que ele fala com a maior desfaçatez. É por isso que no dia 2 de outubro o povo vai te mandar para casa”. Pode parecer que o candidato está somente preocupado com o desenrolar harmonioso do debate e com o respeito às regras previamente acordadas. Mas, inesperada e inusitadamente, o tom muda, desloca-se para o campo erístico, quando ameaça Bolsonaro com: “o povo vai te mandar para casa” (Poder360, 2022). Mesmo quando Lula da Silva declara “um presidente da República vir aqui e dizer o que ele fala com a maior desfaçatez”, ele está a dirigir uma crítica feroz a Bolsonaro e a deslocar a discussão desde o campo da argumentação até ao campo erístico da luta verbal para inferiorizar o adversário com vista à vitória aos olhos da audiência televisiva.

Esse deslocamento (*shift*, em inglês) pode ser improvável ou subtil, mas ele pode ocorrer de forma quase imperceptível. Azevedo, Gonçalves-Segundo e Piris (2021, p. 2296) mencionam essa exata possibilidade ao descrever um “deslize” de um diálogo persuasivo para um diálogo erístico: “Nesse deslizamento, o foco passa a ser vencer, ridicularizar o outro, mostrar-se mais competente e hábil, de forma que a discussão da questão fica em segundo plano, em um processo que, não raro, visa a conquistar aplausos do grupo que já apoia previamente uma dada posição do debate”.

Se essas tiradas se multiplicarem por dez, num debate de sessenta minutos, verificar-se-á o quanto o debate se deforma na direção erística, mais preocupada em parecer melhor e mais preparada, não tanto pelo domínio dos temas económicos, políticos e sociais, mas somente porque se manietou o adversário fazendo-o (a ele e às suas propostas) parecer derrotado.

A título de conclusão, podemos descrever brevemente o figurino da retórica erística nos seguintes termos:

- Intercâmbio de natureza verbal.
- Tendencialmente presencial, cara a cara.
- Antagonista na medida em que existe um dissenso perante posições que se opõem.

- Assenta-se no desacordo, que se deve confrontar polemicamente, numa expectativa de que a divergência perdurará. Discute-se não com o fim de entendimento, mas com o fim de vencer a guerra de palavras.

A erística na mídia moderna

Agora que foi estabelecido um figurino padronizado do discurso erístico e que o observámos no debate político contemporâneo, urge desenvolver a retórica erística e demonstrar a sua consolidação presente. Para tal objetivo de evidenciar a presença constante da erística na comunicação política, é necessário determo-nos numa instituição de incontornável importância e preponderante influência nas nossas sociedades: o campo da mídia.

Nesta seção, argumento que o enorme ressurgimento da erística nas últimas décadas se deve à presença da mídia e do seu regime de funcionamento discursivo assente no princípio do contraditório, do discurso polémico e da tendência de dicotomizar. Mais exatamente, o discurso jornalístico favorece o enquadramento polémico e antagonista: por exemplo, o princípio da objetividade do jornalista assenta-se, ele próprio, na confrontação entre dois ou mais atores em desacordo e oposição. E o desenvolvimento do estilo discursivo sensacionalista contribui, em igual parte, para aproximar o jornalismo de um discurso que reporta uma retórica erística dos atores sociais.

Por um lado, registou-se um significativo aumento da produção discursiva persuasiva com o desenvolvimento da profissionalização da comunicação, em áreas como a publicidade ou as relações públicas. Por outro lado, emergiram canais televisivos especializados em notícias, o que contribui para esse progressivo aumento da produção discursiva midiática. Em emissões contínuas de 24 horas, surgem os comentadores como as maiores figuras do discurso televisivo noticioso e criam-se os primeiros programas – televisivos e radiofônicos – exclusivamente assentes em comentários da atualidade política, económica, social e desportiva. A esse fenómeno juntaram-se os podcasts, uma adaptação do discurso radiofónico ao meio de comunicação da internet, o que aumentou o campo de uso da retórica e, potencialmente, da erística.

No que se segue, procurarei explicitar que a retórica midiaticizada (Mateus; Ferreira, 2022) se caracteriza por ser não apenas um discurso argumentativo de debate crítico, mas também, e cada vez mais, um discurso de pendor erístico, aproximando-se da pura guerra de palavras, desdizendo o

adversário, evidenciando as suas (alegadas) fraquezas morais e procurando impressionar as audiências com a aparência de superioridade da sua proposta. O que se assiste é a paulatina colonização da política pela lógica desportiva da vitória sobre o adversário, em que a discórdia e a discussão são o objeto principal de muitos programas da mídia. A própria disposição (frente a frente) convoca a ideia de combate numa arena e acentua o confronto violento de teses antagônicas. A discussão não surge espontaneamente por intermédio da defesa de um ideário, mas é artificialmente criada num formato de oposição contenciosa, em que é suposto cada parte defender e atacar. Tal panorama traduz a influência da espectacularização do debate e a transformação da retórica num discurso de pendor erístico, mais do que meramente persuasivo. Se é persuasivo é porque demonstra a superioridade discursiva do orador perante o adversário.

Porque não me posso ocupar de todo o discurso midiático, selecionei três áreas pelas quais a retórica erística entra, todos os dias, em nossa casa: o debate político; o comentário de futebol; e o assédio moral nas redes sociais (*trolling*).

O debate político e desportivo midiaticizado

O estudo da argumentação e da viragem polémica e erística da comunicação política só muito recentemente tem merecido alguma atenção, como ilustra a pesquisa de Azevedo, Gonçalves-Segundo e Piris (2021). A cada vez mais presente ridiculização e criação de embaraço ao adversário assinala uma retórica erística que ganha preponderância nos debates políticos, os quais são hoje quase exclusivamente encontros amplamente midiaticizados. A mídia tende a amplificar a força corrosiva e belicosa das intervenções dos vários políticos.

Referindo-se ao debate televisivo das eleições legislativas de 2011, em Portugal, entre Passos-Coelho e José Sócrates, a pesquisa de Fontes (2011, p. 137), baseada na análise de conteúdo, destaca “a relevância que o argumento *ad hominem* directo tem. Ele é o terceiro esquema argumentativo mais observado empiricamente, e tem uma diferença considerável em relação àqueles que estão em quarto lugar, pois foi utilizado o dobro das vezes”. E prossegue:

Outra característica da estratégia argumentativa de Sócrates é o uso frequente do apelo ao ódio. De acordo com o quadro 2.3, 43,6% dos apelos emotivos que este candidato emprega incluem-se neste apelo. A esta informação devemos juntar a que destaca a relevância do apelo à raiva – a qual foi referida quando observámos os aspectos comuns às estratégias argumentativas de Passos Coelho e de Sócrates. Se o fizermos, fica demonstrado que, no

campo dos apelos às emoções, Sócrates opta por enfatizar o mau carácter e as más acções dos adversários (Fontes, 2011, p. 137).

Passos Coelho e Sócrates tendem a centrar-se numa campanha negativa (Lau; Rovner, 2009, p. 286), notando as consequências nefastas disso por meio de vários apelos à raiva. Ao centrar-se nas consequências negativas, ambos os candidatos mostram as fraquezas e debilidades do adversário. Além disso, insinuando raiva, procuram revelar o mau carácter do outro. Nesse campo, Sócrates destaca-se: ele procede a vários ataques ao carácter, focando a pessoa do oponente, e não suas propostas ou competências (Fontes, 2011, p. 140).

Numa investigação relativa ao debate televisivo entre André Ventura e Marcelo Rebelo de Sousa durante a campanha das eleições presidenciais portuguesas de 2021, sublinha-se:

Num registo de língua popular, o candidato do Chega recorre a lexemas com conotação fortemente depreciativa como “bandidos” e “bandidagem” a que opõe os polícias. A dicotomização da sociedade entre polícias e bandidos; “portugueses de bem e oportunistas, corruptos, criminosos, estrangeiros” é, aliás, uma estratégia argumentativa da predileção de André Ventura num discurso a que subjaz uma posição de segregação social. O deputado procura ainda, com a atitude que denuncia, suscitar indignação nos eleitores relativamente ao seu adversário, de forma a obter alguma vantagem sobre o mesmo (Braz e Marques, 2022, p. 37).

Detalhando o funcionamento daquilo a que eu chamo de uma “retórica erística”, as autoras complementam as suas conclusões acerca do posicionamento discursivo de André Ventura:

O discurso forte, provocador e, por vezes, violento de André Ventura caracteriza-se por uma linguagem coloquial, dura e crua, despida de formalismos, em que as imagens predominantes são as de rutura/ mudança, autoritarismo e segregação social. O candidato do Chega assume-se abertamente como antissistema e porta-voz da vontade popular, não hesitando em recorrer ao pathos para minar a credibilidade do seu opositor e fragilizar a sua imagem pré-discursiva de presidente agregador, presidente dos afetos, pedagogo e empático (Braz; Marques, 2022, p. 38).

Noutro exemplo, olhamos para o programa da televisão pública portuguesa, Prós e Contras, e como um dos convidados desfere um ataque *ad hominem*, numa clássica tirada erística que fomenta a oposição e não o entendimento. Disse Fernando Rosas referindo-se a Manuel Ferreira Leite:

"Deixe-me dizer no discurso cultural que é uma espécie de novo discurso neodecadentista que Portugal vem por aí abaixo, há uma decadência, finalmente apareceu um governo com uma espécie de neo-bonapartismo que nos vai endireitar, por obra de uma espécie de salazar de saias adaptado ao século vinte que é a ministra das finanças. (Rosas apud Braga, 2006, p. 20).

Essas conclusões parecem estar em consonância com resultados de pesquisas mais antigas feitas nos Estados Unidos. Por exemplo, Hayworth, já nos anos 1930, salientava que, a partir da análise de

conteúdo de 145 discursos das campanhas presidenciais estadunidenses entre 1884 e 1920, os discursos continham, em média, mais mensagens de ataque à oposição do que levantamento das vantagens e planos da própria força política (Hayworth apud Espírito Santo, 2011, p. 201).

Se o debate televisivo político denota a presença de uma forte componente erística, o mesmo sucede no debate televisivo realizado nos programas de comentário de futebol. Em Portugal, os comentários são verdadeiros exercícios de confrontação verbal do adversário. São programas televisivos em que, sob o pretexto de se discutir as questões importantes do futebol, colocam-se três comentadores em deliberada representação dos três maiores clubes portugueses. Os comentadores envolvem-se em alterações entre si que resultam, não raras vezes, no abandono de um dos intervenientes do programa. Assiste-se também a gritos, urros, bater na mesa com os punhos e a gestos intensos na defesa verbal dos interesses dos seus clubes. Porém, a defesa não consiste tanto em argumentar, mas em denunciar agressivamente as fraquezas morais e erros dos clubes adversários (na pessoa dos seus representantes-comentadores). Estes formam um grupo restrito que se transformou numa confraria muito disputada no mercado televisivo. Esse tipo de debate futebolístico na televisão encerra uma forte “adaptação aos códigos da TV e às exigências do formato, ou seja, falam ao ritmo da televisão, promovem uma acesa e musculada polémica, falam com emoção do seu clube, nem que, para tal, seja preciso prescindir de argumentos racionais” (Lopes; Loureiro; Vieira, 2011, p. 347). Os autores acrescentam:

As polémicas que sustentam e dão altos níveis de audiências a estes programas parecem ser genuínas. Olha-se para a TV e veem-se discussões que não seriam muito diferentes daquelas que poderiam ser desenvolvidas nas bancadas de futebol ou à mesa de um café. É uma lógica de TV espelho que os telespectadores apreciam (Lopes; Loureiro; Vieira, 2011, p. 347).

É frequente o insulto velado, a insinuação maldosa ou mesmo o rebaixamento moral do grupo ou do respetivo comentador. A habitual “não diga inverdades”, espécie de eufemismo com que, no placo televisivo, se chama mentiroso ao adversário, prolifera em cada programa. A título de exemplo, considere-se o programa português *Prolongamento*, da TVI24, em que, em janeiro de 2017, um dos comentadores insulta ostensivamente o homólogo adversário (Manuel [...], 2017). Berrando “é uma vergonha”, arrasta o suposto debate de ideias sobre o futebol para o litígio, quando chama, repetindo ao oponente, “és um palhaço!”. Trata-se de um deslocamento do debate para a discussão erística que culmina num ataque *ad hominem* a propósito de uma discordância relativamente a uma pretensa falta durante um jogo de futebol. Outros vídeos mostram a contínua retórica erística, pontuada pela

característica interrupção da palavra do oponente e a conseqüente ordem: “Esteja calado!” (Pedro [...], 2018).

Esse tipo de programa possui a moderação de um jornalista desportivo, mas, em geral, ele não modera. Ele deixa à solta os ânimos exaltados e prepara o terreno (pela escolha de temas a serem abordados) para uma literal guerra de palavras, num muito claro exemplo de retórica erística televisiva que apenas contribui para “um espaço público cada vez mais rarefeito em torno daquilo que se discute no futebol” (Lopes; Loureiro; Vieira, 2011, p. 327).

Os moderadores tendem a não inibir a interrupção da palavra e encaram a gritaria como efeito justificado e legítimo ao remeter-se ao silêncio impávido. Tal como instintivamente dois galos se atacam num ringue (nas lutas de galos das Filipinas ou da Tailândia), assim, quase instintivamente, três comentadores se digladiam verbalmente pela supremacia.

As redes sociais

A internet tornou-se, analogamente à televisão, um meio onde encontramos uma retórica erística. A palavra “*troll*” designa uma pessoa que posta nas redes sociais, *newsgroups*, usenet, chats, fóruns on-line ou que aí comenta de modo inflamado, insincero e exaltado com a intenção de provocar alguém ou de fazê-lo ter respostas emotivas. Tipicamente, um *troll* desafia e insulta (de forma mais ou menos rebuscada ou direta) para seu prazer e divertimento. Nesse ponto, o *trolling* e a erística televisiva não andam muito longe, na medida em que os programas de comentário de futebol são vistos não enquanto informação, mas, sobretudo, enquanto entretenimento.

Por vezes, o *trolling* assume a forma de ativismo político, abuso verbal, *cyberbullying* ou assédio moral⁹, mas vou encarar o *trolling* especificamente como uma contribuição acesa e controversa que visa despertar os ânimos e que, em última análise, constitui uma disrupção de uma discussão. No âmbito deste artigo, o *trolling* configura uma manifestação on-line de uma retórica erística e representa um caso mais em que os dispositivos tecnológicos de mediação simbólica – vulgarmente designados de *mídia* – se revestem de um discurso erístico. Com efeito, a mídia on-line tende a funcionar numa lógica que favorece o *trolling* erístico. “O aspecto social das mídias sociais decide questões de verdade

⁹ Como nota Seta (2018, p. 397), a expressão encerra uma miríade de práticas discursivas, tornando qualquer definição problemática.

com base em popularidade e afinidade tribal em vez de lógica e evidências impessoais” (Hannan, 2018, p. 11).

Considero, nesse contexto, que o *trolling* partilha com a retórica de pendor erístico vários atributos: são ambos confrontacionais, negativos, fazem usos de falácias *ad hominem*, são acusatórios, podem ser ofensivos, bem como encerrar discursos desviantes. Como é notório, deixo de parte outros usos denominados de *trolling* que estão fora do âmbito da erística como um discurso antissocial, antiético ou não normativo (Seta, 2018, p. 392). Veja-se, em concreto, como podemos estabelecer uma relação entre a erística e a recente manifestação discursiva a que se chama *trolling*.

Hardaker (2013, p. 79) propõe a seguinte definição: “Trolling é o uso deliberado (percebido) de falta de educação/agressão, engano e/ou manipulação em contextos midiáticos de comunicação para criar um contexto propício para desencadear ou antagonizar o conflito, normalmente para por diversão”. Essa mesma definição aplica-se, com bastante acuidade, aos programas televisivos de comentário de futebol, mas também à discussão erística, já que o *trolling* é um atentado à polidez, tal como a erística, como explicado anteriormente. Trata-se de bem documentados atos de provocação verbal explorando as margens do conflito e da impolidez (Seta, 2018, p. 394). E, embora a violência verbal seja socialmente abominada, as sociedades, por intermédio da mídia, continuam a criar espaços discursivamente delimitados onde essa violência verbal descarrega catártica¹⁰ e simbolicamente todas as frustrações. As mídias digitais on-line são mais um espaço de mediação da experiência social que prolonga interações confrontacionais. Tal como a erística antiga decorria na ágora, a erística moderna ocorre na mídia. O facto de se falar em *trolling* no contexto específico das mídias digitais não nos deve, no entanto, impedir de reconhecer que, apesar de outra denominação, trata-se ainda do exercício erístico. A esse propósito, é pertinente recordar a definição de *flaming*, em conjunto com o *trolling*: “violações intencionais (bem-sucedidas ou mal-sucedidas) negativas de normas interacionais (negociadas, em evolução e situadas)” (O’Sullivan; Flanagin, 2003, p. 84). Tal descrição poderia ser exatamente aplicada à retórica erística. Na medida em que o *trolling* é um expoente da provocação discursiva em contextos social e tecnologicamente delimitados, podemos encará-lo como mais uma manifestação discursiva erística em que não se procura assentir ao melhor

¹⁰ A função catártica é descrita por Walton (1998, p. 185): “Esse aspeto benéfico da querela funciona por meio de um efeito catártico, através do qual os antagonismos ocultos e subjacentes são abertamente trazidos à tona e reconhecidos por ambas as partes quando uma querela é bem-sucedida através das suas etapas de argumentação, ambas as partes não só tomam conhecimento desses ressentimentos ocultos, como podem aprender a tornarem-se mais sensíveis e perceber o quanto eles são importantes para a outra parte”.

argumento, mas provar a superioridade discursiva sobre alguém apontando-lhe o dedo da reprovação, represália e retaliação.

Juntemos, agora, a retórica erística do debate político televisivo com o debate político nas mídias sociais on-line. Pensemos no uso do X de Donald Trump. As mensagens por si publicadas a propósito da posse, pela Coreia do Norte, de mísseis balísticos intercontinentais com ogivas nucleares se encaixam, com perfeição, numa retórica erística (*trolling*, na medida em que se trata de uma erística on-line). Em 2017, escreveu no X: “As soluções militares estão agora totalmente prontas, travadas e carregadas, caso a Coreia do Norte aja imprudentemente. Espero que Kim Jong Un encontre outro caminho”. Em setembro, goza e provoca o ditador norte-coreano, insultando-o ao chamá-lo (sem o referir) de Rocket Man, e desdenha da situação econômica do país: “Falei com o presidente Moon da Coreia do Sul ontem à noite. Perguntei-lhe como está o Rocket Man. Estão a formar-se longas linhas na Coreia do Norte. É pena!”. Semanas mais tarde, voltou novamente ao X para provocar eristicamente Kim Jong Un: “Kim Jong Un da Coreia do Norte, que obviamente é um louco que não se importa em matar o seu povo e que ele passe fome, será testado como nunca antes!”. Nesse post Trump é ostensivamente insultuoso. Falando em nome dos Estados Unidos, em uma mensagem presidencial oficial que compromete os estadunidenses e exemplo maior da comunicação política durante esse período. Uma comunicação claramente agressiva, ameaçadora, mas também insultuosa, que despidoradamente chama de “louco” a outro chefe de Estado e que menospreza os norte-coreanos ao referir-se, com superioridade, às dificuldades que o país passa. Não há aqui sequer dissimulação ou eufemismos. É o mais duro, direto e frontal ataque à honra num evidente exercício erístico. O que Trump argumenta com essas afrontas? Nada. Apenas escarnece do adversário político como forma de se mostrar superior e dominante na cena política internacional.

O discurso erístico expandiu-se até à política e à diplomacia internacional. Faz hoje parte da comunicação política. Hannan sintetiza essa situação muito bem ao falar de um novo estilo de comunicação:

Não é exagero dizer que o *trolling* de Trump, na verdade, aumentou a ameaça de conflito nuclear. O *trolling* molda agora o discurso e a prática de legisladores, e define o estilo político de líderes políticos poderosos, incluindo aqueles com acesso a armas nucleares e que se ameaçam uns aos outros e ao resto do planeta através da mais mesquinha e irresponsável guerra de palavras (Hannan, 2018, p. 11).

Como se vê, o discurso erístico acompanha a política e a mídia modernas. O ruído branco (*white noise*) que parece estar a instalar-se começa a tornar-se impercetível de tão acostumados que agora estamos a presenciar manifestações de retórica erística na mídia. Infelizmente, parte da política e do desporto midiáticos envolve uma lógica do insulto na qual o maior vitupério indica o vencedor.

Considerações finais

A presença da erística na contemporaneidade é forte e alerta-nos para a necessidade de contemplar os efeitos da mídia na retórica, bem como os efeitos da retórica midiática na ressurgência da erística, que, aliás, sobreviveu, depois do período clássico, enquanto um tipo distintivo de argumentação (Walton, 1998, p. 191). Mais do que a colocar enquanto argumento, propus olhar para o diálogo erístico como uma forma retórica (portanto discursiva) com características próprias e que se evidenciam no discurso mediático hodierno. Com efeito, advogo que a mídia, em inícios do século XXI, tende a contribuir mais para fomentar a interação erística do que criar as condições para o florescimento de uma cultura argumentativa.

Num encontro argumentativo ideal, os argumentadores compartilham um objetivo comum de chegar à melhor decisão possível dadas as circunstâncias. Os elementos aparentemente adversários da argumentação – ataque e defesa, refutação e refutação – são meios para a realização deste objetivo comum (Zarefsky, 2009, p. 302).

Como tem vindo a ser demonstrado, a retórica erística opõe-se frontalmente a uma cultura do argumento: trata-se de uma virulência verbal dirigida à pessoa do adversário, e não ao objetivo de alcançar a melhor decisão possível. É precisamente isso que está em causa nos exemplos analisados — e que constitui igualmente o núcleo do comentário futebolístico e do *trolling* nas redes sociais.

Podemos adotar uma atitude mais cínica e aceitar que as regras do discurso mediático (aceleração, instantaneidade, dramatismo, dicotomizações, confrontações) privilegiam uma retórica erística: uma linguagem vernácula e coloquial que não receia fazer perder a face do oponente e que argumenta para vencer, não para atingir um projeto democrático deliberativo (Jorgensen, 1998, p. 441). A erística molda a comunicação política em torno da diferença de opinião, do *soundbyte* e da inquietude emotiva. A persuasão secundariza-se face à luta pela superioridade verbal, a qual se pretende que se derrame na superioridade moral e política do orador. Nesse sentido, a retórica erística acentua o concurso

verborreico de ideias, no qual se fala porque falar faz superiorizar o orador, e não comunicar com o objetivo de intercompreensão.

O facto de a comunicação política se fazer hoje, também, por meio de uma retórica de pendor erístico que coloca em xeque o debate crítico-argumentativo e racional, está em linha com o prognosticado fim da esfera pública (Mateus, 2022). Nesse sentido, o debate político não é verdadeiramente crítico e deliberativo, porque lhe falta um elemento essencial já salientado por Platão: a relação do discurso com a Verdade. À retórica erística falta-lhe a crítica enquanto fundamento do homem esclarecido kantiano. Falta-lhe profundidade porque se faz de insidiosas observações. Falta-lhe propósito coletivo que transforme a palavra em poder. O que a retórica erística permite é dar a palavra, não como instrumento de poder, mas como arma que fere o adversário.

Hoje o debate político possui, a maior parte das vezes, uma natureza erística acentuada. Isso é confirmado pela forma como Braz e Marques (2022, p. 32) descrevem o debate político em termos de dissensão: “O debate político é um subgénero intrinsecamente polémico, em que são confrontados pontos de vista e posições ideológicas divergentes, consubstanciadas em interações de carácter agónico e dissensual”.

Desse ponto de vista, a erística acentua uma dimensão polémica que não é necessariamente disfórica. O ideal de deliberação racional que obtém um acordo consensual não deve privilegiar o consenso face ao dissenso. Essa posição é partilhada por Amossy (2014), que na sua *Apologia da polémica* lembra que a deliberação decorre frequentemente da possibilidade de a polémica se instalar. “A controvérsia corresponde a um debate em torno de um tema atual de interesse público. Ancora-se no conflitual, que se traduz em dicotomização, polarização e desqualificação” (Amossy, 2014, p. 6). Amossy critica as perspetivas disfóricas e negativas da controvérsia. Elas não são desordens da comunicação, mas uma modalidade comunicativa.

Tal como Amossy revaloriza a controvérsia no seio da argumentação, assim procurei reapreciar a erística de acordo com dois princípios principais: 1) a erística é uma componente retórica, diferenciada da modalidade persuasiva; 2) a erística deve ser apreciada, não apenas de acordo com a sua herança clássica, mas também do ponto de vista dos modernos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica.

A retórica erística afasta-se da argumentação e da procura do consenso, configurando, por vezes, um abuso injustificável da linguagem. Inegável é também que a comunicação política midiaticizada opera, hoje e com crescente frequência, num registo erístico de confrontação esvaziada de conteúdo ético-moral. Este paradoxo — a persistência de uma prática que se nega a si mesma — só poderá ser desfeito a partir do seu reconhecimento, o que torna imperativo desenvolver a investigação da relação entre retórica erística e comunicação política.

Referências

AMOSSY, Ruth. *Apologie de la polemique*. Paris: PUF, 2014.

ARISTÓTELES. *Tópicos*: dos argumentos sofísticos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v. 1.

ARISTÓTELES. *Órganon*: Categorias, Da Interpretação, Analíticos Anteriores, Analíticos Posteriores, Tópicos, Refutações Sofísticas. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: INCM, 1998.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes. Argumentação erística nas interações digitais: uma polémica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 29, n. 4, p. 2289-2333, 2021. DOI: 10.17851/2237-2083.29.4.2289-2333.

BLITVICH, Pilar Garcés-Conejos. The youtubification of politics, impoliteness and polarization. In: TAIWO, Rotimi (org.). *Handbook of research on discourse behavior and digital communication*: language structures and social interaction. Hershey: IGI Global, 2010. p. 540-563. DOI: 10.4018/978-1-61520-773-2.ch035.

BRAGA, Daniela. Prós e contras: o debate político televisivo como sub-género/sub-tipo de interacção verbal. *Revista Galega de Filoloxía*, v. 7, p. 29-65, 2006. DOI: 10.17979/rgf.2006.7.0.5303.

BRAZ, Ana; MARQUES, Isabelle Simões. O debate presidencial de 2021 entre Marcelo Rebelo de Sousa e André Ventura: estratégias de argumentação e de persuasão. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 9, p. 31-40, 2022. DOI: 10.26334/2183-9077/rapln9ano2022a3.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DASCAL, Marcelo. Types of polemics and types of polemical moves. In: CMEJRKOVÁ, Svetla; HOFFMANNOVÁ, Jana; MÜLLEROVÁ, Olga (org.). *Dialoganalyse VI/1*. Tübingen: Verlag, 1998. p. 15-30. DOI: 10.1515/9783110965056.

ESPÍRITO SANTO, Paula do. Sistema político, persuasão e fundamentos da propaganda política. In: ESPÍRITO SANTO, Paula do; LISI, Marco (coord.). *Campanhas eleitorais, debates televisivos e propaganda: comunicação política e as eleições legislativas de 2011*. Covilhã: Livros Labcom, 2011. p. 187-231.

FONTES, Felipe. As estratégias argumentativas de Pedro Passos Coelho e de José Sócrates nas eleições legislativas de 2011. In: ESPÍRITO SANTO, Paula do; LISI, Marco (coord.). *Campanhas eleitorais, debates televisivos e propaganda: comunicação política e as eleições legislativas de 2011*. Covilhã: Livros Labcom, 2011. p. 97-144.

GOFFMAN, E. *Rituais de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução: Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

HANNAN, J. Trolling ourselves to death? Social media and post-truth politics. *European Journal of Communication*, v. 33, n. 2, p. 1-13, 2018. DOI: 10.1177/0267323118760323.

HARDAKER, Claire. “Uh....not to be nitpicky,,,,,but...the past tense of drag is dragged, not drug”: an overview of trolling strategies. *Journal of Language Aggression and Conflict*, v. 1, n. 1, p. 58-86, 2013. DOI: 10.1075/jlac.1.1.04har.

JORGENSEN, Charlotte. Public debate: an act of hostility? *Argumentation*, v. 12, p. 431-443, 1998. DOI: 10.1023/A:1007735127171.

KRABBE, Erik. Cooperation and competition in argumentative exchanges. In: RIBEIRO, Henrique Jales (ed.). *Rhetoric and argumentation in the beginning of the XXIst century*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. p. 111-126.

LAU, Richard; ROVNER Ivy Brown. Negative campaigning. *Annual Review of Political Science*, v. 12, p. 285-306, 2009. DOI: 10.1146/annurev.polisci.10.071905.101448.

LOPES, Felibela; LOUREIRO, Luís Miguel; VIEIRA, Phillipe. A confraria do comentário do futebol na TV: evolução dos programas televisivos feitos com adeptos dos maiores clubes portugueses, *Observatorio (OBS*) Journal*, v. 5, n. 4, p. 327-350, 2001. DOI: 10.15847/obsOBS542011523.

MANUEL Serrão exalta se e insulta José de Pina em direto na TVI24. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Irvin Nagel. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j5br__HUyos. Acesso em: 16 mar. 2026.

MATEUS, Samuel; FERREIRA, I. (org.). *Retórica midiaticizada*. Lisboa: Documenta, 2022.

MATEUS, Samuel. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: Livros Labcom, 2018.

MATEUS, Samuel. Publicness beyond the public sphere. *Mediapolis*, v. 14, p. 113-136, 2022.

O'SULLIVAN, Patrick, FLANAGIN, Andrew. Reconceptualizing “flaming” and other problematic messages. *New Media & Society*, v. 5, n. 1, p. 69-94, 2003. DOI: 10.1177/1461444803005001908.

PEDRO Guerra exalta-se com Zé de Pina por causa da Máfia – Prolongamento. [S. l.: s. n.], 2018. Publicado pelo canal Diogo Silva. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MAXU7UMuRY8>. Acesso em: 16 mar. 2026.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLATÃO. *Sofista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1983.

PLATÃO. *A República* (ou sobre a justiça, diálogo político). Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO, *Eutidemo*. Tradução: Maura Iglésias. São Paulo: Rio de Janeiro; Loyola: Editora Puc-Rio, 2011.

PODER360. Leia a transcrição do debate presidencial da “Globo”. *Poder360*, Brasília, DF, 30 set. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-a-transcricao-do-debate-presidencial-da-globo/>. Acesso em: 16 mar. 2026.

REBOUL, Olivier. Introdução à Retórica. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALAVASTRU, Constantin. Quelques réflexions sur la dialectique des anciens philosophes grecs, *Argumentum*, v. 19, n. 2, p. 55-72, 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*: em 38 estratégias (dialética erística). Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SETA, Gabriele. Trolling, and other problematic social media practices. *In*: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas. *The Sage handbook of social media*. London: Sage, 2018. p. 390-411.

WALTON, Douglas; KRABBE, Erick. *Commitment in dialogue. Basic concepts of interpersonal reasoning*. Albany: State University of New York Press, 1995.

WALTON, Douglas. *The new dialectic: conversational contexts of argument*. Toronto: Toronto University Press, 1998.

WALTON, Douglas. *The place of emotion in argument*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1992.

ZAREFSKY, David. What does an argument culture look like? *Informal Logic*, v. 29, n. 3, p. 296-308, 2009. DOI: 10.22329/il.v29i3.2845.

Sobre o autor

Samuel Mateus é licenciado, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. É Professor Auxiliar na Universidade da Madeira e Investigador integrado no LabCom Comunicação e Artes. É, também, Coordenador do GT de "Comunicação e Política da SOPCOM- Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, e Editor da revista Estudos em Comunicação

Data de submissão: 13/03/2023

Data de aprovação: 12/09/2025